



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14689 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

**PONDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DO CAPITALISMO GLOBAL**

Evandro Salvador Alves de Oliveira - CENTROS UNIVERSITÁRIOS

Sálua Cecílio - UNIUBE - Universidade de Uberaba

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

**PONDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DO CAPITALISMO GLOBAL**

## **Introdução**

O trabalho docente na pós-graduação, *Lato e Stricto sensu*, tem passado por importantes transformações, tanto em suas condições, conteúdos e finalidades, quanto em seus formatos e formas contratuais. Além das atividades tradicionais, os professores estão cada vez mais envolvidos em novas atribuições que reconfiguram a natureza e o conteúdo de seu trabalho.

A compreensão do trabalho docente, tanto no âmbito científico, quanto fora dele, escapa de um significado único e consensual, o que tem gerado debates e reflexões no meio acadêmico. Os dados das pesquisas e estudos, bem como análises encontradas na literatura científica, apontam, por exemplo, para a representação do trabalho docente na pós-graduação [Lato sensu] como um "bico" (Oliveira, 2022). Diante tal cenário, o objetivo desta produção é apresentar ponderações sobre os significados e sentidos do trabalho docente, recuperando excertos de professores que atuam no ensino superior público, no contexto do capitalismo global.

No atual estágio da sociedade brasileira, redesenhado pelas implicações do capitalismo global de acumulação flexível e da pandemia da COVID-19, os docentes do ensino superior enfrentam desafios para exercer sua profissão, dadas as condições de trabalho e o cenário político, econômico e cultural que moldam a educação. Por esta razão, este texto não se limita apenas a discutir o trabalho docente com base na compreensão dos docentes e nas referências teóricas exploradas, também visa trazer à tona análises de conteúdo derivadas de entrevistas semiestruturadas realizadas com professores de uma instituição de ensino superior pública municipal situada no sudoeste goiano. Após conhecer o teor do estudo, os participantes concordaram em participar da pesquisa e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As respostas dos professores foram analisadas qualitativamente, com ênfase nos significados e sentidos atribuídos pelos professores ao conceito de trabalho docente.

Foram quinze professores que responderam as quinze perguntas que compunham o roteiro. Eles escolheram pseudônimos para que fossem resguardadas suas identidades. Quanto ao perfil dos participantes e titulações, oito possuem mestrado, quatro são especialistas e três são doutores.

### **Concepções sobre o trabalho docente**

Há maneiras distintas de compreender e analisar as dimensões do trabalho, pois “nem sempre são claras e dotadas de lógica todas as dimensões do trabalho. Muitas se mostram confusas, arbitrárias e descontextualizadas em seu significado e organização” (Cecílio, 2017, p. 140). Foi possível constatar isso nos depoimentos dos professores, estes carregados de sentidos e significados sobre o conceito de trabalho docente, que se apresenta com pontos distintos. Os relatos dos professores revelam diferentes e até mesmo antagônicas interpretações sobre o trabalho docente, sendo visto por alguns como um simples "bico" e por outros como uma atividade de grande valor.

Na fala de Luísa, identificam-se diferentes significados e sentidos sobre o trabalho docente, conforme o fragmento a seguir:

**Pesquisador:** você sempre teve a docência como trabalho?

**Luísa:** Sempre, em **inserção** profissional umas das primeiras. Assim, depois que me formei aí eu fui para o mestrado, fui viver de bolsa logo no início. Logo em seguida eu consegui esses bicos, **na verdade a pós-graduação era um bico, pois era sábado, não era carteira assinada, etc.**

**Pesquisador:** E durante a semana?

**Luísa:** Só aos sábados, no primeiro ano. No segundo ano que fui para o conselho de psicologia, mas era um trabalho técnico, como psicóloga [...].

**Pesquisador:** Mas, daí não era bico?

**Luísa:** Não, e daí não. Desde o tempo da **UERJ** já foram vínculos, e aí depois eu fui para Niterói em uma outra Universidade. E depois vim para cá. Então, eu trabalhava um pouquinho e migrava quando o salário era melhor, quando as condições eram melhores. (Grifo nosso)

Com base nos fragmentos da entrevista com a docente Luísa, compreende-se que a professora vê o trabalho docente sob dois pontos de vista. As atividades que realizava aos sábados eram compreendidas como uma espécie de bico, ou seja, algo esporádico e sem vínculo empregatício. Esse aspecto diz respeito às flexibilizações contratuais, na forma de pejetização em que o trabalho docente vem sendo exercido ao longo dos últimos anos, isto é, por meio dele é possível aumentar a renda trabalhando aos finais de semana, por exemplo, com aulas extras na pós-graduação. Quando o trabalho era desenvolvido no âmbito da graduação, em um curso de Psicologia no Rio de Janeiro, era visto de maneira diferente, como algo fixo. Em termos objetivos, tal compreensão se dá provavelmente pelo trabalho se efetivar em um contexto legitimado juridicamente de reconhecimento institucional e de proteção social, dado que exercido com carteira assinada e garantia de direitos e respaldos trabalhistas.

Antunes (2005) nos chamou a atenção, há quase duas décadas, para esse movimento que crescia exponencialmente no Brasil, contribuindo para o debate sobre as condições laborais e as perspectivas para o futuro do trabalho. Nesta direção, consideramos que a flexibilização contratual e a pejetização têm sido temas que aparecem com mais frequência no contexto acadêmico, sobretudo nos últimos anos. A flexibilização contratual refere-se à possibilidade de ajustar as condições de trabalho de acordo com as necessidades das partes envolvidas, o que pode incluir e significar a prestação de serviços aos finais de semana para aumentar a renda. Por outro lado, a pejetização é uma prática que envolve a contratação de profissionais como pessoas jurídicas, em vez de como profissionais registrados e regidos por normas da CLT [no emprego em empresas privadas] ou estatutárias [no caso de servidores do sistema público], o que pode trazer vantagens econômicas para as instituições empregadoras.

Acreditar que ministrar aula na pós-graduação seja um bico, como discorre Luísa, traduz aquilo que os pesquisadores Alves (2014) e Valência (2016) referem, sobre trabalho, neodesenvolvimentismo e proletarização do trabalho docente. Conforme Valência (2016) argumenta, existe nesta última década um sistema capitalista que cresce vertiginosamente com a globalização, principalmente, nas duas primeiras décadas do século 21. O crescimento desse sistema provoca, em vários profissionais da educação, a busca inicial por alguma oportunidade de trabalho e, em um segundo momento, as oportunidades que oferecem melhores condições de trabalho e de salário.

Em outras palavras, em muitos casos ocorrem as migrações para outros ambientes de trabalho ou mobilidade de local para local, assim como ocorreu com Luísa. O aspecto de

trabalhar “migrando” de um local para o outro é compreendido como expressão das transformações no mercado de trabalho e na diversificação das formas contratuais para inserção no mundo do trabalho. Também pode ser entendido como uma alternativa para sobrevivência e, portanto, uma necessidade para enfrentar tantas expressões da flexibilização das relações de trabalho no capitalismo de acumulação flexível que vem marcando os processos produtivos no século XXI associados à instabilidade e à insegurança, levando profissionais a buscar melhores condições de trabalho e sobretudo de salário que lhes permita garantir não apenas a sobrevivência, mas permanência, mais reconhecimento e dignidade na carreira.

Assim sendo, o que à primeira vista pode significar flexibilização (subterfúgio), em uma apreciação mais estrutural da realidade e do que ela produz sobre o significado individual e coletivo do trabalho para muitos trabalhadores, inclusive os docentes, se trata, em nossa análise e compreensão, da expressão de uma nova flexibilização das condições contratuais contemporâneas, próprias da reestruturação produtiva que atinge o mundo do trabalho. Isto é, para viabilizar a extração de mais valor, recorre-se aos usos de recursos tecnológicos e/ou se amplia jornadas de trabalho por meio de aumento do ritmo e/ou da expansão de atribuições funcionais para além do tempo prescrito legal.

De tal modo, ministrar aulas na pós-graduação (*Lato sensu*), com base no exposto, parece ser uma atividade profissional diferente do que trabalhar no ensino superior com estudantes de graduação, dadas a regularidade da oferta e as condições contratuais de trabalho, muitas vezes até mais favoráveis ao desenvolvimento de uma carreira. A busca por condições e salários melhores parece ocorrer em várias regiões do país, no caso, do Brasil.

Assim, a inserção e a permanência no mercado de trabalho pela docente relacionam-se a condições e aspectos econômicos das conjunturas regionais em que vivem e convivem os professores. A docente Luísa relata que existe uma outra face do trabalho desempenhado pelo professor universitário, que é a função social que ele representa e o reconhecimento social que dele deriva ou não; em muitos casos, variando conforme o desenvolvimento das estruturas socioeconômicas e culturais de cada região e de suas influências na constituição dos sujeitos. Em síntese, entendemos essa concepção como aspecto que diz respeito ao processo de constituição do ser humano, cujo trabalho exerce um significativo e essencial papel social e cultural.

### **Considerações finais**

Com base no exposto, podemos observar a diversidade de significados e percepções dos professores em relação ao trabalho docente. Por um lado, o trabalho é encarado como uma profissão, de onde se obtém recursos financeiros para a subsistência, ao mesmo tempo que é abraçado como uma vocação, apesar das limitações e dificuldades encontradas. Por

outro lado, é visto como um "bico", uma forma de aumentar a renda trabalhando nos finais de semana, sem um propósito profissional específico.

Em meio a uma realidade social, econômica e cultural marcada pela rápida revolução digital, o mundo do trabalho tem passado por complexas metamorfoses, pois ele é considerado um fenômeno complexo, com múltiplas dimensões, especialmente no que diz respeito aos seus significados. Com a expansão do capitalismo global e flexível, o trabalho docente, assim como muitas outras profissões afetadas pela evolução tecnológica e pela gestão estratégica, tem passado por transformações em seus processos, formatos e condições, evidenciadas durante e após a pandemia da Covid-19. Esses efeitos parecem ter vindo para ficar. Concluimos que, embora desafie valores e princípios, o trabalho docente pode proporcionar realização profissional e consciência da responsabilidade social na formação de sujeitos autônomos e inseridos social e profissionalmente em seu tempo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, W. F. A formação de professores e as teorias do saber docente: contextos, dúvidas e desafios. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.2, p. 263-280, maio/ago. 2007.

ALVES, G. **Trabalho e neodesenvolvimentismo**: choque de capitalismo e nova degradação do trabalho no Brasil. Bauru: Canal 6, 2014, 224 p.

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: ensaio sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

CECÍLIO, S. Trabalho docente no capitalismo contemporâneo: desafios à realização e à autonomia de professores. In: BORGES, Maria Célia; RICHTER, Leonice Matilde; VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. (Orgs.). **A formação de professores/as**: um olhar multidimensional. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 355 p.

OLIVEIRA, E. S. A.; CECÍLIO, S. Dos cadernos amarelos aos arquivos infinitos: Metamorfoses do trabalho docente na cultura digital. **Revista Portuguesa de Educação**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 42–60, 2022. DOI: 10.21814/rpe.19570.

VALENCIA, A. S. **Precariado ou proletariado?** Bauru: Canal 6, 2016.

Palavras-Chave: Educação. Trabalho Docente. Empresariamento de si. Cultura Digital. Pós-Graduação.